

O PAPEL DA ANCESTRALIDADE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE JOVENS BRASILEIROS DESCENDENTES DE SÍRIO-LIBANESES

THE ROLE OF ANCESTRY IN THE IDENTITY CONSTRUCTION OF BRAZILIAN YOUTH SYRIAN-LEBANESE DESCENDANTS

Recebido em: 05/02/2025

Aceito em: 30/05/2025

Publicado em: 26/06/2025

Olívia Pillar Perez Miziara¹ 
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este estudo investiga a identidade e o sentimento de pertencimento de jovens de descendência libanesa no Brasil, um grupo etnicamente negligenciado na pesquisa acadêmica. A imigração libanesa no início do século XX trouxe uma rica herança cultural, porém, sua influência na formação da identidade dos descendentes ainda é pouco explorada. O objetivo deste estudo é analisar como a ancestralidade e as normas culturais afetam a construção da identidade de jovens sírio-libaneses, destacando a importância de sua representatividade na sociedade brasileira contemporânea. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas qualitativas com seis jovens de descendência libanesa, abrangendo diversas cidades do Brasil. As entrevistas foram analisadas utilizando a metodologia de análise de conteúdo, identificando e categorizando os eixos temáticos emergentes. Os resultados revelaram que a ancestralidade desempenha um papel crucial na formação da identidade desses jovens. As normas culturais influenciam sua adaptação ao contexto brasileiro, gerando conflitos entre as tradições familiares e a cultura local, ao mesmo tempo em que a falta de representatividade e o desconhecimento sobre a imigração libanesa contribuem para a marginalização de suas experiências. Este estudo enfatiza a relevância de compreender as experiências de jovens de descendência sírio-libanesa no Brasil, entendendo que a ancestralidade impacta a construção identitária e integração social. A pesquisa destaca a necessidade de maior representatividade nas discussões sobre diversidade cultural, contribuindo para um entendimento mais abrangente das experiências da juventude em contextos multiculturais.

Palavras-chave: Identidade; Ancestralidade; Juventude; Sírio-Libanesa; Imigrantes

Abstract: This study investigates the identity and sense of belonging of young people of Lebanese descent in Brazil, an ethnically neglected group in academic research. Lebanese immigration in the early 20th century brought a rich cultural heritage; however, its influence on the identity formation of descendants is still little explored. The aim of this study is to analyze how ancestry and cultural norms affect the identity construction of young Syrian-Lebanese, highlighting the importance of their representation in contemporary Brazilian society. The research was conducted through qualitative interviews with six young people of Lebanese descent from various cities in Brazil. The interviews were analyzed using content analysis methodology, identifying and categorizing emerging thematic axes. The results revealed that ancestry plays a crucial role in the identity formation of these young people. Cultural norms influence their adaptation to the Brazilian context, generating conflicts between family traditions and local culture, while the lack of representation and knowledge about Lebanese immigration contributes to the marginalization of their experiences. This study emphasizes the relevance of understanding the experiences of young people of Syrian-Lebanese descent in Brazil, recognizing that ancestry impacts identity construction and social integration. The research highlights the need for greater representation in discussions on cultural diversity, contributing to a broader understanding of youth experiences in multicultural contexts.

Keywords: Identity; Ancestry; Youth; Syrian-Lebanese; Immigrants.

¹Aluna do Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na linha de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Brazil, Minas Gerais, Uberlândia. E-mail: olivia.miziara@ufu.br.

INTRODUÇÃO

A pátria de um cidadão é o lugar onde ele sua, chora e ri, onde moureja para ganhar a vida e construir casa de negócio e residência. Fadul Abdala reconhece e adota a nova pátria. Nela não viu a luz nem se batizou. Ninharias, desprezíveis pormenores: mais importante que o berço é a cova e a dele será aberta no território do cacau... (...) Ao fazer -se homem fez -se brasileiro (Amado, 1984, p. 21).

A ancestralidade desempenha um papel central na formação da identidade de indivíduos e grupos sociais, constituindo-se como um elo essencial entre passado e presente (Kilomba, 2019). No caso de jovens brasileiros descendentes de imigrantes, as narrativas ancestrais emergem como um componente fundamental na construção do "eu", fornecendo não apenas um senso de pertencimento, mas também uma estrutura de valores e significados que guiam suas experiências (Cabreira, 2001; Sodré, 2019). O Brasil, como um país multicultural, é um espaço que ocupa grande parte dessas influências, uma vez que sua própria formação histórica foi moldada por diversas ondas migratórias, fazendo dele um território miscigenado (Ribeiro, 2019). Neste cenário, compreender como as tradições e memórias ancestrais contribuem para a identidade da juventude brasileira é de extrema importância: é compreender o povo brasileiro.

Ontologicamente, a ancestralidade pode ser compreendida como uma construção social que, de maneira existencial, política e espiritual, motiva o indivíduo a se conectar com o todo, tanto no plano material quanto no imaterial (Alves; Garcia-Filice, 2021). Assim, a ancestralidade possui suas peculiaridades a depender dos modos de expressão feitos por diferentes origens étnicas (Morris, 2023). A culinária, as normas culturais e as práticas religiosas são alguns dos elementos que influenciam essa construção identitária. Em particular, a culinária surge como um veículo simbólico poderoso, conectando gerações e evocando memórias de um passado que é tanto preservado no coletivo quanto adaptado ao contexto brasileiro (Lee, 2023). Além disso, as normas culturais são resquícios das gerações imigrantes, e que frequentemente definem os comportamentos e as interações sociais dos descendentes, engendrando as formas como esses jovens se inserem na sociedade (Motti-Stenaidi; Masten, 2020).

A ancestralidade caminha como um conceito autóctone, a qual emergem expressões subjetivas que validamos como parte dos processos de formação da identidade. Por não se reduzir a elementos isolados, ela está em constante transformação a partir do espaço em que está atuante (Ramos, 2021). No âmbito coletivo, a ancestralidade desempenha um papel ainda mais amplo, servindo como uma ponte entre as gerações e como um veículo de coesão social dentro das comunidades. As narrativas e festividades familiares e comunitárias se entrelaçam na preservação da memória ancestral, enquanto as novas gerações constroem

subjetividades, a partir da união do que lhes foi ensinado e o que é experienciado, que resistem às forças de assimilação cultural e ao apagamento das diferenças (Haraldsson; Mclean, 2021; Lee; Falter; Schoonove, 2020). Assim, a manutenção dessas tradições não é apenas uma questão de preservação cultural, mas também de fortalecimento e resgate histórico.

No final do século XIX, a imigração das comunidades sírio-libanesas para o Brasil foi intensificada, moldando diversas áreas da sociedade. Elas trouxeram consigo uma rica herança cultural, manifestada em práticas religiosas, costumes culinários, e tradições familiares, que perpassam gerações até os dias de hoje. Além disso, várias palavras árabes influenciaram a nossa língua; o próprio conceito de bazares, muito comuns no Oriente Médio, foi adaptado e influenciou a nomeação de feiras populares e mercados brasileiros (Bercito, 2021; Meihy, 2016). Muito da matemática que aprendemos ao longo da vida, foi derivada do árabe. Al-Khwarizmi, um matemático persa, em seu livro "Compêndio sobre Cálculo por Restauração e Balanceamento", influenciou profundamente o desenvolvimento da matemática no Ocidente (Al-Khwarizmi, 2010). Por consequência, houve a inserção da "álgebra" na língua portuguesa, uma palavra derivada do árabe "*al-jabr*" (الجبر), que significa "restauração" ou "reunião de partes" (Veschi, 2019).

Por isso, mesmo longe da terra natal, podemos perceber o quanto o senso de coletividade, a preservação das raízes e os valores tradicionais árabes continuam a influenciar seus descendentes através do sentimento ancestral. A ancestralidade sírio-libanesa, portanto, não é apenas uma lembrança passiva do passado, mas uma fonte ativa de identidade, e, por isso, faz-se importante compreender até que medida ela influencia na construção do "eu" de seus descendentes (Meihy, 2016).

O Oriente Médio, uma região composta por países e territórios da Ásia Ocidental, é uma origem frequentemente esquecida na literatura sobre ancestralidade (Lefort, 2023). Esse fato pode ser decorrente tanto pela sua distância geográfica quanto pela percepção de que seus costumes e tradições são profundamente diferentes dos paradigmas ocidentais, especialmente os brasileiros. Segundo Fanon (2020), o ato de decolonizar é também descentralizar a literatura do foco eurocêntrico com o intuito de estudar outros países e continentes e trazê-los para o centro da investigação científica. Ao trazer a população descendente sírio-libanesa para a discussão, subentende-se uma subversão às normas e narrativas hegemônicas de modo a ressignificar narrativas e possibilitar que diferentes histórias e experiências sejam relatadas.

Conforme a afirmação de Darcy Ribeiro (1995), desenvolvemos culturalmente um povo novo e único, divergente de todas as outras formações socioculturais até então existentes, graças

aos migrantes europeus desterritorializados, dos negros sequestrados e escravizados e dos indígenas desindianizados. A presença ativa dessas comunidades na vida social, econômica e política do país demonstra como as narrativas ancestrais não apenas moldam identidades individuais, mas também contribuem para a construção cultural do Brasil. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca compreender a ancestralidade na construção identitária e do “eu” de jovens descendentes de sírio-libaneses, destacando o papel fundamental que as narrativas desempenham nesse processo.

IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA NO BRASIL

Muitas são as obras literárias que relatam a imigração libanesa ao Brasil. Jorge Amado, um escritor brasileiro, define a figura do imigrante como protagonista em seus livros *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *A descoberta da América pelos turcos* (1994). Em seu romance *Lavoura Arcaica* (1975), Raduan Nassar, escritor descendente de levantinos, narra as dissonâncias presentes nas relações familiares de migrantes libaneses. Milton Hatoun, escritor e também filho da diáspora sírio-libanesa, disserta no drama “Dois irmãos” (2000), os conflitos entre gêmeos filhos de uma família libanesa presente em Manaus.

A imigração sírio-libanesa para o Brasil, marcada por fluxos variados e fatores econômicos, políticos e sociais nas regiões de origem, gerou um processo de inserção diversificado no país. Embora as estatísticas sejam limitadas, dados do censo de 1940 indicavam uma população sírio-libanesa, incluindo imigrantes de primeira e segunda geração, de cerca de 13.709 pessoas. Esse número permaneceu relativamente estável até as décadas de 1940 e 1950, mas declinou gradualmente, conforme observado no censo de 1991. Após 2000, com dados do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE) e do OBMigra, estimou-se um fluxo migratório de aproximadamente 500 imigrantes árabes por ano, com um aumento significativo na entrada de sírios a partir de 2011, impulsionado pela guerra civil síria (Oliveira *et al.*, 2015).

Os primeiros imigrantes, em sua maioria mscates, estabeleceram-se em várias partes do país, especialmente em grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro. Ao longo do tempo, essas comunidades desenvolveram redes de solidariedade e comércio que facilitaram a adaptação ao novo contexto, ao mesmo tempo em que mantinham laços com suas terras de origem. A preservação de costumes, como a prática de festividades religiosas e a transmissão da língua árabe, reforçou a coesão interna das comunidades e garantiu a continuidade das tradições (Kadri; Salone, 2017).

No entanto, o processo de integração dos descendentes de sírio-libaneses no Brasil foi marcado por uma hibridização cultural que refletia tanto a adaptação ao ambiente brasileiro quanto a preservação da identidade ancestral. As gerações mais jovens, criadas em um contexto de miscigenação, experimentaram uma dualidade identitária, onde traços culturais árabes e libaneses se combinaram com as influências brasileiras (Meihy, 2016). Por sua vez, a cultura brasileira também foi misturada com a síria-libanesa. Essa mescla é evidente em diferentes aspectos do cotidiano, como na língua e na culinária. Palavras como “esfirra” e “kibe” têm origem árabe e, embora muitos brasileiros não tenham contato direto com essas tradições, elas fazem parte do vocabulário cotidiano, sendo amplamente reconhecidas. Da mesma forma, pratos típicos como o quibe e a esfirra foram adaptados ao gosto local e se tornaram parte da gastronomia popular no Brasil, mostrando como essa integração cultural está enraizada na sociedade (Moreira; Silva, 2021; Rojas, 2021).

Esses processos de integração e preservação cultural não foram isentos de desafios. Muitos descendentes de imigrantes sírios e libaneses enfrentaram preconceitos e estereótipos relacionados à sua origem, especialmente em períodos de tensão política internacional que afetaram a percepção das culturas do Oriente Médio no Brasil (Francisco, 2017). Ainda assim, as comunidades de descendentes têm demonstrado resiliência ao preservar suas narrativas ancestrais e redefinir suas identidades em uma sociedade que, embora marcada pela diversidade, ainda enfrenta dificuldades em lidar plenamente com a pluralidade cultural (Trigg, 2012). Assim, a identidade desses jovens se manifesta não apenas como uma herança imutável, mas como uma construção dinâmica, influenciada por uma variedade de fatores históricos, sociais e culturais (Chalabi, 2006).

O PAPEL DA ANCESTRALIDADE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Os sírios e libaneses estão entre os principais grupos imigratórios no Brasil, destacando-se por sua ampla presença em todas as regiões do país. A significativa participação desses imigrantes no mercado de trabalho como comerciantes deu origem à popular frase: “Em cada cidade do Brasil há uma lojinha de turco” (Gattaz, 2005). Embora o termo “turco” tenha conotações pejorativas, ele não necessariamente marginaliza essa população, pois grande parte dos imigrantes sírio-libaneses estabeleceu-se em empregos socialmente valorizados. Dessa forma, a ancestralidade étnico-racial desse grupo inicia-se em uma posição de relativo privilégio, especialmente quando comparada a outros coletivos, como afrodescendentes, indígenas e pardos (Bercito, 2021).

A identidade étnica de um indivíduo pode ser definida como uma identidade social construída a partir da compreensão de que ela faz parte de um ou mais grupos sociais, somada ao valor e ao peso emocional que atribui a essa associação (Brown, 2019). Assim, a identidade étnica deve ser vista como dinâmica, sendo resultado da interação contínua do indivíduo com outras pessoas que pertencem ao seu grupo social. Consequentemente, ela não é uma característica fixa, mas um aspecto fluido que reflete as influências sociais e históricas, e podendo ser reafirmada ou transformada a partir do contexto e das interações sociais que o indivíduo vivencia (Jesus; Hoffmann, 2020).

A ancestralidade, compreendida como o legado cultural e histórico transmitido entre gerações, desempenha um papel crucial na definição da identidade e na forma como os indivíduos se posicionam no mundo (Hall, 1995). Esse conceito transcende a biologia, abrangendo também dimensões culturais e históricas, fornecendo uma perspectiva mais ampla das narrativas históricas. Assim, a ancestralidade atua como uma ponte entre o passado e o futuro, orientando ações sociais e o reconhecimento cultural (Morris, 2023).

Para os jovens brasileiros descendentes de sírio-libaneses, práticas culturais como a culinária, a religião e as festividades funcionam como pontos de conexão com suas raízes. Esses elementos culturais atuam como símbolos de pertencimento e resistência, permitindo a reivindicação uma identidade terceira, que mescla a herança de seus antepassados com a vivência brasileira (Meihy, 2016). Essa dialética entre o que é herdado e o que é experienciado é essencial para compreender como esses indivíduos se posicionam na sociedade e constroem a noção de si mesmos (Féron, 2023; Hage, 2021).

De acordo com Homi K. Bhabha (1990; 2007), essas práticas culturais não existem de forma isolada; elas interagem continuamente com a cultura local, criando um "Terceiro Espaço" de hibridização e transformação. O "Terceiro Espaço" é o ponto de encontro entre culturas, onde elas não apenas coexistem, mas se mesclam, resultando em novas formas de identidade. Para os descendentes de sírio-libaneses, esse espaço permite a preservação de elementos da herança cultural, que são simultaneamente adaptados e integrados às experiências brasileiras. A hibridização desafia as noções tradicionais de identidade, permitindo a construção de subjetividades dinâmicas e multifacetadas. Nesse processo, os significados e valores herdados são constantemente redefinidos, o que abre caminho para a criação de novas identidades que resistem à assimilação total, celebrando a complexidade de ser tanto brasileiro quanto descendente de imigrantes.

A ancestralidade, enquanto conceito, é explorada por autores a partir do compartilhamento das suas vivências, as quais são distintas. Lélia Gonzalez (2020), por exemplo, destaca a importância da ancestralidade na identidade das mulheres negras e na luta por igualdade racial. Para ela, a ancestralidade é fonte de resistência, conectando as mulheres contemporâneas às suas raízes africanas e indígenas, sendo essencial para o empoderamento e a construção de uma identidade que desafia os estereótipos impostos pela cultura dominante. A ancestralidade, portanto, é um elemento de reivindicação cultural e política, permitindo que mulheres negras afirmem seu lugar na sociedade e lutem contra estruturas de opressão.

Schucman (2020), em sua obra "Entre o 'encardido', o 'branco' e o 'branquíssimo': Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana", refere-se a como a opressão colonial afeta os colonizados, influenciando sua auto imagem e percepção de identidade. A ancestralidade, nesse contexto, é vista como fator crucial para a formação de identidades raciais, em que as experiências de opressão e resistência se entrelaçam com a herança cultural e familiar. Mary Louise Pratt (1999) também entende a ancestralidade como elemento formador do "eu", transmitido não apenas pelas tradições culturais explícitas, mas pelas percepções individuais imersas nas circunstâncias históricas e espaciais das comunidades diaspóricas. Said (1996) complementa essa visão, afirmando que jovens descendentes não apenas "herdam" uma cultura, mas ressignificam suas posições identitárias ao confrontarem discursos de poder que moldam suas vidas cotidianas.

A relação entre ancestralidade e constituição do eu também dialoga com a noção de "experiência atlântica" de Paul Gilroy (2001), especialmente no que diz respeito ao conceito de identidade entre-lugares. Para os jovens descendentes de sírios e libaneses, a construção de uma identidade híbrida, que incorpora elementos tanto da cultura de origem quanto da cultura local, reflete a tensão entre diferentes marcadores de identidade (Hage, 2021). Essa vivência é atravessada pelas contradições de raça, classe e gênero, gerando novas configurações identitárias que não podem ser simplificadas a partir de uma única matriz cultural (Crenshaw, 2002; Schuman, 2020).

A posição que esses indivíduos ocupam na sociedade atual, como descendentes de imigrantes e parte de uma comunidade oriental, influencia diretamente a forma como sua ancestralidade é vista, valorizada ou marginalizada (Hage, 2021; Hall, 1995). Assim, a construção do "eu" envolve tanto a reconciliação com o passado quanto o posicionamento crítico frente às realidades presentes (Said, 1996; Trigg, 2012). Isso demonstra que a ancestralidade na construção identitária vai além da simples herança cultural, enraizando-se em

um processo de diálogo contínuo entre passado, presente e as forças sociais que moldam suas realidades (Lefort, 2023).

Frantz Fanon, em suas obras, discute como a colonialidade desumaniza os colonizados, levando-os a rejeitar suas próprias culturas e heranças. Para Fanon (2020), a redescoberta da ancestralidade é um passo crucial na luta pela identidade e autonomia dos povos colonizados. Reconectar-se com suas raízes permite que os indivíduos resistam à alienação e encontrem um sentido de identidade que desafie a dominação colonial. Assim, a ancestralidade é vista como essencial para a emancipação e a afirmação cultural. De maneira semelhante, Albert Memmi, autor tunisiano, explora como a experiência colonial afeta a relação dos colonizados com sua própria cultura e história. Para Memmi (2007), a valorização da ancestralidade é essencial para desafiar a marginalização e reivindicar um espaço de resistência e autenticidade identitária na sociedade.

É importante lembrar que o caso dos descendentes sírio-libaneses é relevante diante os dizeres de autores promotores da decolonização, pois eles vivenciaram um processo histórico de dupla colonização. Primeiro, seus antepassados foram colonizados pela França no Oriente Médio, enfrentando a dominação cultural, política e econômica. Ao migrar para o Brasil, um país também marcado por um passado colonial, esses imigrantes e seus descendentes encontraram estruturas também marcadas pelo colonialismo. Desse modo, é preciso também atentar-se ao processo decolonial quando falamos sobre descendentes sírio-libaneses, pois, ainda que eles ocupem lugares de privilégio em relação a outros grupos étnico-raciais, suas identidades podem ter sido - e ainda ser - moldadas por múltiplos processos de colonização.

PROCESSO METODOLÓGICO

DELINEAMENTO

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa exploratória, empregando entrevistas individuais online como método de coleta de dados (Fraser e Gondim, 2004). O objetivo foi investigar como a ancestralidade influencia a construção identitária de jovens brasileiros de ascendência síria e/ou libanesa.

PARTICIPANTES

Participaram do estudo jovens entre 18 e 27 anos, naturalmente brasileiros e que possuísem ascendência síria e/ou libanesa, independente do sexo ou gênero.

TABELA 1 - Dados Sociodemográficos dos participantes

Nome Fictício	Idade	Gênero	Orientação Sexual	Cidade e Estado	Parente que imigrou para o Brasil	País de Imigração	Religião
Omar	21	Homem	Heterossexual	São Paulo, SP	Pai	Líbano	Católico
Youssef	23	Homem	Heterossexual	São Paulo, SP	Avô	Líbano	Ateu
Zarifa	21	Mulher	Heterossexual	São Paulo, SP	Avô	Líbano	Católica
Fátima	24	Mulher	Heterossexual	Uberaba, MG	Bisavô	Líbano	Católica
Chafir	19	Homem	Heterossexual	São Paulo, SP	Avô	Líbano	Católico
Samir	25	Homem	Heterossexual	Ribeirão Preto, SP	Bisavô	Líbano	Ateu

Fonte: Elaborado pela autora

PROCEDIMENTOS E COLETA DE DADOS

Os participantes foram recrutados via rede social (ex: Instagram e Facebook) e pela técnica bola de neve, que utiliza a indicação de participantes para recrutar outros participantes. Os critérios de inclusão foram: I) ser descendente de sírio e/ou libanês, II) ter idade entre 18 e 27 anos, III) ser naturalizado brasileiro, IV) ter disponibilidade para participar de uma entrevista online de 20 minutos de duração ou mais.

O primeiro contato consistiu em explicar o propósito da pesquisa, seguido de um convite para participar. Após a aceitação, foi enviado em um segundo momento um formulário, elaborado na plataforma Google Forms, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações, juntamente com o Termo de Autorização para Gravação de Voz e Imagem. Se o participante decidisse seguir com a pesquisa, seria direcionada para uma página com perguntas sobre suas características sociodemográficas e um registro de contato para agendamento da entrevista. Caso contrário, seria redirecionado para uma página de agradecimento e retirado da pesquisa.

Com base na disponibilidade de data e horário para a entrevista, foi enviado um convite por *e-mail* e *whatsapp* com instruções básicas, como o objetivo da pesquisa e a duração da entrevista, além da plataforma online escolhida. As entrevistas ocorreram entre a autora e o entrevistado em uma plataforma online, permitindo uma abordagem mais flexível e a exploração aprofundada das vivências e percepções das participantes (Gaskell, 2002), seguindo as perguntas do questionário semi-estruturado. Nele, eram abordados aspectos relevantes para a pesquisa, como a influência da descendência sírio-libanesa na formação identitária. Essa técnica foi selecionada por sua flexibilidade, oferecendo perguntas predefinidas, mas permitindo respostas abertas e *insights* tanto do entrevistador quanto do entrevistado. Cada

entrevista foi gravada individualmente em áudio por meio de *software* e teve duração entre 20 e 30 minutos, com uma média de 25 minutos.

INSTRUMENTO

Questionário sociodemográfico: Foi aplicado um questionário sociodemográfico para investigar identidade de gênero, idade, orientação sexual, cidade e estado de moradia, parente que imigrou para o Brasil, país de imigração e religião.

Roteiro semi-estruturado para as entrevistas: O roteiro semi-estruturado para as entrevistas foi elaborado com o intuito de compreender a percepção dos participantes sobre suas experiências culturais, religiosas, e familiares, bem como o impacto dessas influências na construção de suas identidades. Exemplo de perguntas: “Como as tradições familiares influenciam sua percepção de quem você é hoje?”; “Você já sentiu que houve conflitos entre suas crenças pessoais e as expectativas da sua família?”; “Como as influências culturais sírio-libanesas moldam a forma como você se vê e como se relaciona com outras pessoas?”.

ANÁLISE DE DADOS

Cada entrevista foi individualmente transcrita digitalmente, gerando o material para a análise, a qual foi posteriormente realizada no software Nvivo. O segundo momento caracterizou-se pela análise de conteúdo, da qual foi estruturada em três fases: 1) pré-análise (leitura flutuante e organização do material); 2) exploração do material (categorização e/ou codificação do estudo) 3) tratamento dos resultados (inferências e interpretação), seguindo recomendações (Bardin, 2011; Souza & Santos, 2020). Essa metodologia permitiu a identificação de padrões e temas recorrentes nas narrativas dos jovens entrevistados, possibilitando uma compreensão mais ampla de como eles vivenciam, articulam e experienciam suas identidades culturais e étnicas.

Posteriormente, as narrativas foram interpretadas à luz de abordagens interseccionais e decoloniais, com o intuito de traçar paralelos entre as experiências individuais e as dinâmicas socioculturais que permeiam a vida desses jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 2 - Eixos temáticos e categorias referentes ao objetivo de pesquisa

Eixos Temáticos	Categorias	Descrição
1. Ancestralidade e Tradição Familiar	Preservação de costumes tradicionais	Manifestações de tradições culturais herdadas, como a culinária libanesa e celebrações familiares.
	Influência religiosa	Relação entre a religião e a continuidade ou ruptura com as tradições familiares.
	Conflito entre gerações	Dificuldades ou conflitos entre gerações mais jovens e mais velhas quanto à manutenção das tradições e normas culturais.
	Adaptação e Resiliência Cultural	Capacidade de adaptação dos jovens às influências culturais externas (brasileira) e internas (libanesa), mantendo ou abandonando práticas culturais.
2. Identidade e Sentimento de Pertença	Sentimento de dupla identidade (Brasileira e Libanesa)	O equilíbrio ou conflito entre o sentimento de pertencimento às culturas brasileira e libanesa.
	Distanciamento Cultural	Expressões de distanciamento em relação à cultura libanesa, especialmente por parte dos descendentes mais afastados da imigração direta (bisnetos).
	Construção do Eu	Como a ancestralidade e a história familiar influenciam a construção da identidade pessoal dos jovens.
	Percepção de preconceito ou discriminação	Identificação de possíveis experiências de preconceito ou discriminação por conta de suas origens ou práticas culturais.
3. Normas Culturais e Contexto Social Brasileiro	Regras e restrições familiares mais rígidas	Relação entre as normas culturais familiares e a adaptação às normas sociais brasileiras, incluindo divergências sobre vestimenta e comportamento social.
	Experiência de imigração e integração social	Relação dos jovens com a comunidade brasileira e como as influências locais impactam suas percepções culturais e identitárias.

Fonte: elaborado pela autora

NARRATIVAS ANCESTRAIS: COMO O JOVEM SE PERCEBE E É PERCEBIDO NA SOCIEDADE BRASILEIRA?

ANCESTRALIDADE E TRADIÇÃO FAMILIAR

Os entrevistados expressaram uma luta constante entre a preservação de suas tradições libanesas e a assimilação à cultura brasileira. Zarifa, que se identifica fortemente com suas raízes, destaca a relevância das tradições familiares, afirmando:

“A comida libanesa é um dos poucos laços que ainda temos com o passado. Todo domingo, minha avó faz kibbeh e, mesmo que às vezes a gente até ousa experimentar novos ingredientes, o que deixa a minha avó louca de raiva (risos), essa comida traz de volta a nossa história. E de alguma forma isso importa.”

Esse relato evidencia a importância da culinária como um elo que mantém a ancestralidade viva, funcionando como um símbolo de resistência cultural em um contexto em que a modernidade ameaça diluir tais referências. Nesse sentido, a preservação da comida libanesa, como o kibbeh, representa não apenas um ato cotidiano de sobrevivência cultural, mas uma forma de subversão à modernidade hegemônica que, segundo Quijano (2005) busca homogeneizar práticas e identidades.

Morris (2023), ao discutir a relação entre modernidade e identidade, destaca que os sujeitos modernos estão em constante negociação entre o passado e o presente. Nesse sentido, a prática de fazer kibbeh aos domingos é um exemplo claro dessa negociação identitária. Embora os "pequenos rituais" na preparação da comida possam não ser mais seguidos à risca, o ato de cozinhar e consumir esses pratos tradicionais resgata simbolicamente a história familiar e cultural dos descendentes. Esse processo de hibridização, onde as tradições são adaptadas, mas ainda assim preservadas, reflete o que Morris aponta como a tensão entre uma identidade moderna globalizada e a tentativa de manter vivos elementos de pertencimento histórico e cultural.

Portanto, o kibbeh, mencionado no relato, simboliza não apenas a ancestralidade familiar, mas também a resistência ativa a uma modernidade que, em muitos casos, tenta apagar ou diluir as expressões culturais de grupos minoritários. A comida torna-se, assim, um espaço de disputa simbólica onde o passado e o presente se encontram e onde as narrativas de pertencimento e identidade são construídas e reconstruídas. Tal resultado também foi encontrado em estudos que tentaram compreender o significado simbólico da culinária na etnia Melanau, por exemplo (Abdullah, 1998; Inaia *et al.*, 2020)

Contudo, conciliar essas tradições com a vivência cotidiana se torna uma tarefa difícil e evidente quando os jovens Chafir e Fátima mencionam a pressão social para se adaptarem ao que é considerado “normal” no Brasil. Um deles relata:

“Aqui, todos possuem uma certa liberdade para fazerem o que quiserem e serem o que quiserem, mas em casa, fui criado com regras diferentes. É complicado querer se encaixar principalmente vindo de uma família bem rígida né, mas, ao mesmo tempo, não quero desrespeitar eles fazendo outra coisa, saindo e indo pras festas morando debaixo do teto deles.” (Chafir)

“Meu avô é muito radical, no meu ponto de vista. Quer dizer, eu entendo ele, veio de uma cultura diferente, onde as mulheres não eram muito valorizadas, precisavam usar roupas mais fechadas; na adolescência era sempre uma briga para poder usar uma saia. Hoje eu entendo e respeito, mas é difícil.” (Fátima)

Este depoimento reflete um dilema comum entre os descendentes de imigrantes, que muitas vezes se sentem divididos entre duas culturas, criando um espaço de tensão entre a liberdade individual e a obediência às normas familiares (Corlăteanu, 2024). Morris (2023), por outro lado, caracteriza essa tensão pelo processo de construção identitária na modernidade, onde os indivíduos são constantemente pressionados a equilibrar os valores herdados com os imperativos da autonomia pessoal.

A influência religiosa na construção da identidade cultural também foi um ponto destacado.

“Meu pai é católico, e sempre me ensinou a respeitar nossas tradições, mas eu me pergunto se sigo essa religião só por causa dele. A verdade é que não me sinto tão ligado a isso.” (Omar)

“Ah, pra ser bem sincero, sou ateu. Fui criado na igreja católica, mas muita coisa não faz sentido pra mim, e não acredito em nada disso não. Meus pais até que respeitam, não ligam muito não, mas no fundo eu sinto que gostariam que eu fosse diferente. (Samir)

A ambivalência em relação à religiosidade indica uma busca por uma identidade própria, onde a pressão da tradição familiar é contrabalançada por uma crescente autonomia. O dilema reflete a tentativa de conciliar expectativas familiares com a liberdade de escolha individual, gerando uma identidade híbrida e fluida (Morris et. al., 2021). Apesar do Brasil ser um país amplamente católico (Sotelo; Arocena, 2021), a cultura familiar ancestral e a modernidade coexistem em um embate, podendo impactar a noção de pertencimento e escolha acerca da fé.

IDENTIDADE E SENTIMENTO DE PERTENÇA

As entrevistas revelam uma busca contínua por um equilíbrio entre as identidades sirio-libanesa e brasileira, mostrando que a experiência de ser descendente de imigrantes é marcada por ambivalências e conflitos.

“Obviamente eu sou brasileiro, mas dentro de casa isso tem um outro significado. Até lá, às vezes, sinto que sou mais brasileiro do que libanês. Meus bisavós vieram há muito tempo, e, com o passar das gerações, nossa cultura foi se esvaindo. Meus pais ainda tem muito da cultura, sendo que o meu pai é descendente, minha mãe não. Por isso, não sei se eu me vejo muito libanês.” (Samir)

“Eu quero continuar com as minhas raízes, mas é difícil tendo um pai longe (ele é o descendente). Tento procurar pessoas aqui em São Paulo para resgatar essa ancestralidade, barzinhos e comércios de pessoas do oriente médio...sou brasileiro, mas também tenho minhas raízes.” (Omar)

“Sinto que tenho um pé em cada cultura. Na escola, sou brasileiro, mas em casa as coisas são diferentes. É como se eu vivesse em dois mundos.” (Fátima)

Essas afirmações ilustram a experiência comum de muitos descendentes de imigrantes, que frequentemente se veem navegando entre diferentes esferas culturais. Essa duplicidade pode gerar um sentimento de estranhamento, onde o indivíduo sente que não pertence totalmente a nenhum dos grupos, criando um sentimento dual entre a aceitação social e a fidelidade às suas raízes (Williamson *et al.*, 2020; Xu, Wu; Chen, 2021).

Outro participante menciona:

“Quando estou com meus amigos brasileiros, às vezes, sinto um estranhamento. O jeito de ver a vida é diferente, eu acho.” (Zarifa)

A fala indica que a identidade não é apenas uma questão de aparência ou hábitos, mas também de valores e perspectivas. O sentimento de ser diferente, mesmo dentro de um grupo social, reflete a complexidade das dinâmicas identitárias que os jovens enfrentam. Autores como Homi K. Bhabha discute a ideia do "terceiro espaço", onde a identidade se constrói em interseções culturais, sugerindo que a hibridação pode ser uma forma de pertencimento em si (Bandhari, 2020).

Além disso, a forma como a ancestralidade é incorporada nas experiências diárias dos jovens influencia a maneira como eles se veem no mundo.

“Minha avó sempre fala sobre como os libaneses são unidos, e isso me faz sentir que preciso manter essa conexão, mas às vezes é difícil. O Brasil é tão grande com valores

diferentes, e apesar de ter esse senso de comunidade que a minha avó fala, é outra coisa.” (Youssef)

“Meu vô conta que o pai dele sempre dizia como a comunidade era unida, diferente de uns tempos pra cá. Antes, pra ele, a origem significava alguma coisa, hoje nem tanto. Pra mim, eu tenho amigo de todos os jeitos, e dividimos outros valores sem ser a étnica. Mas entendo o porquê disso unir tanto as pessoas.” (Samir)

A tensão entre o senso de união da comunidade libanesa, reforçado pelos avós, e a experiência no Brasil, pode ser compreendida pela diversidade cultural presente no Brasil. Enquanto imigrantes libaneses historicamente agrupam-se em bairros próximos para preservar suas tradições e identidades, além de apresentarem relações quase restritas à comunidade de descendentes, uma convivência multicultural e regionalmente diversa pode causar certo estranhamento. Essa diferença cria um desafio para manter a conexão com as raízes, já que a comunidade brasileira se baseia menos na coesão étnica e mais em uma pluralidade de experiências e valores.

Contudo, pode-se aferir que, como essa noção de comunidade foi relatada pelo bisavô e avô da entrevistada, pode haver um certo distanciamento geracional nas relações culturais familiares, uma vez que a entrevistada é a terceira geração descendente e nascida no Brasil.

Nas entrevistas, os jovens também abordam a questão social em seus círculos por conta da aparência diferente, o que pode afetar o sentimento de pertença.

“Eu sei que é brincadeira, mas umas pessoas me chamam de homem bomba direto por eu ter uma aparência bem do Oriente Médio.” (Omar)

“As pessoas sempre encaram meu pai quando ele usa o *keffiyeh* (turbante árabe). Ele não se importa, mas é incômodo pra mim porque eu sei o significado desses olhares.” (Omar)

O preconceito contra indivíduos de descendência árabe ou muçulmana - ou com quem apresente características estereotipadas similares - se intensificou após eventos globais, como o 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Desde então, passou-se a notar uma nova camada de discriminação acerca dessa população, amplamente associada à figura estereotipada do "terrorista" — um rótulo reforçado pela mídia e pela narrativa ocidental sobre o Oriente Médio. Esse estigma provoca reações diárias, desde olhares desconfiados até comentários jocosos e piadas pejorativas, que acabam reforçando estereótipos e criando um ambiente hostil e desconfortável (Shannah *et al.*, 2021; Sirin; Choi; Tugberk, 2021). A figura do “homem-bomba” carrega um estigma que desconsidera seu verdadeiro valor histórico e cultural, podendo comprometer o impacto emocional que esse tipo de comentário transmite.

Por outro lado, há uma percepção de que a diversidade cultural é um ponto de força.

“Meus amigos adoram a comida libanesa, dizem que é muito saborosa e diferente do que eles estão acostumados a comer.” (Omar)

“Antes, eu achava que a nossa comida era comum, tinha em todo lugar, já que em casa a gente comia direto. Depois de um tempo percebi que quando eu falava que coalhada eles (amigos) entendiam que era daquele de garrafa de supermercado, sabe? Só depois que eu expliquei que a minha mãe fazia em pano que eles foram entender como era.” (Zarifa)

Este reconhecimento positivo da cultura libanesa por meio da culinária pode representar uma forma de reafirmação da identidade, transformando a diferença em um elemento de pertencimento.

RELAÇÃO COM AS NORMAS CULTURAIS

As normas culturais também foram outro tema emergente ao longo das entrevistas.

“Minha família tem expectativas sobre como devo me comportar, o que posso vestir, com quem posso sair. É bem mais rígida do que uma família totalmente brasileira, sabe?” (Zarifa)

“Eu me sinto sufocada às vezes. As roupas que as minhas amigas costumam usar são um grande tema aqui em casa. Eu também sou mulher, e na cultura libanesa, isso significa que eu preciso aprender a cozinhar a culinária própria, me resguardar ao casamento e outras coisas para ser uma boa esposa.” (Fátima)

Segundo Fanon, os indivíduos em contextos pós-coloniais frequentemente experimentam um conflito entre se conformar às normas culturais de suas origens e a pressão de adotar os valores da sociedade hegemônica (2020). Embora o Brasil seja um país com histórico de colonização, estudos mostram que os imigrantes e suas famílias passam a experimentar essa pressão de se adaptar ao país migratório (Castro; Caixeta, 2021; Virginio; Stewart; Garvey, 2022). Ainda, por ser um país marcado por uma estrutura social profundamente influenciada por desigualdades e discriminações, inclusive de gênero, as barreiras relacionadas a discriminações estruturais, como o machismo e o controle sobre o corpo feminino, são amplificadas (Ribeiro, 2018; Santos, 2009).

Essa pressão criada pela dualidade entre suas vivências sociais e as expectativas culturais em casa para se conformar a normas rígidas pode gerar uma sensação de alienação por parte dos jovens. Essa sensação de sufocamento, trazida na fala de uma das entrevistadas, pode

levar a uma busca constante por aceitação em ambos os lados, intensificando o sentimento de inadequação e podendo levar à rejeição.

Schuman (2020) discute que a construção da identidade é um processo dinâmico, onde as pessoas podem internalizar ou resistir a estereótipos associados à sua ancestralidade. Isso implica que a forma como os indivíduos se veem e se identificam pode ser influenciada por suas origens, mas também por suas interações sociais e pela maneira como a sociedade em geral valoriza ou desvaloriza diferentes heranças raciais e culturais.

Paradoxalmente, as normas culturais também são compreendidas com certa afetividade.

“A comida libanesa é uma parte importante da nossa tradição. Por ter sido obrigada a aprender a cozinhar, às vezes, eu trago quibes e esfihas para a escola, e meus amigos adoram! Hoje a gente se junta uma vez por mês para ter a “noite étnica”, e eu faço os pratos que eu aprendi, enquanto meus amigos fazem outros na vez deles.” (Zarifa)

A capacidade de transformar elementos culturais, como a culinária, em pontos de conexão social indica uma estratégia de inclusão que os jovens utilizam para reafirmar sua identidade em um contexto onde as normas culturais podem parecer excludentes. Isso ecoa as ideias de Aníbal Quijano (2005) sobre a importância de revalorizar as práticas culturais em um mundo dominado por narrativas eurocêntricas.

As entrevistas mostraram que a integração e o contexto social brasileiro atuam como grandes influenciadores da identidade dos jovens enquanto lidam com a herança cultural libanesa que trazem consigo.

“Eu sempre me senti parte do Brasil, mas nem sempre me senti brasileiro. Mas também não posso dizer que sou libanês, já que meu bisavô é que é de lá. Mesmo assim, a gente carrega coisas da família, coisa que nem todo brasileiro tem dentro de casa. Mas se eu não for brasileiro, o que eu sou?” (Samir)

Essa fala evidencia um dilema comum enfrentado por muitos que pertencem a cultura mais de uma cultura, deixando a questão identitária complexa. Hall (1995) enfatiza que a identidade não é um dado fixo, mas uma construção social em constante evolução, moldada por contextos históricos e sociais. Assim como o jovem expressa seu dilema de pertencimento entre a cultura brasileira e a herança libanesa, Hall argumenta que as identidades são sempre emaranhadas, influenciadas por diferentes narrativas e experiências.

Outros relatos apresentaram uma boa adaptação cultural e integração com a sociedade.

“Aqui, a gente tem uma convivência boa, uma parte minha é brasileira e outra libanesa, e é isso pô. Nenhum dos meus amigos nunca reclamou dessas coisas; a gente tem uma cultura mais diferenciada por criação, mas também é tudo parecido.” (Chafir)

“Eu não acho que meus amigos liguem sobre essa descendência minha. Eu tenho ela, não exploro muito, me sinto muito brasileira (risos). Claro, ainda amo um kosher tradicional, mas é tranquilo, uma escolha minha.” (Zarifa)

Ambas as falas vão de encontro com a perspectiva de Homi K. Bhabha (1994), o qual disserta sobre as identidades serem moldadas por encontros e hibridações. Bhabha sugere que a identidade é frequentemente negociada em espaços intersticiais, onde diferentes culturas se encontram e se influenciam mutuamente. Isso demonstra como a convivência social permite uma identidade que não é apenas binária, mas sim um entrelaçamento de múltiplas influências.

“Eu adoro o Brasil. E sinto confortável para ser quem eu sou, mesmo que eu saiba que sou diferente...um pouco pelo menos. Mas, ao mesmo tempo, eu tento trocar ideias com meus amigos sobre a comida libanesa e as tradições. Tenho feito muitas amizades em grupos online e em encontros de descendentes asiáticos, e isso me faz mais alerta pra entender de onde eu vim. Acho legal.” (Omar)

“Ultimamente eu tenho tentado resgatar essa ancestralidade que a gente tanto falou. Tenho procurado pessoas descendentes também, não porque eu não sinto que eu não me encaixo não, eu quero é saber de onde eu vim, trocar uns contatos, fazer amizades.” (Fátima)

Ser “diferente” sugere a sobreposição de uma identidade marcada pelo significado do que compõe as características de um brasileiro ideal. Por outro lado, o resgate cultural traz à tona uma experiência de identidade múltipla, em que a interseccionalidade ajuda a entender como o pertencimento étnico e o contexto social brasileiro coexistem e se influenciam mutuamente, se é que ambos algum momento operaram separados (Collins, 2022). A teoria interseccional, per se, contribui para a compreensão das dimensões identitárias – etnia, origem, contexto de diáspora e o ambiente social brasileiro – a partir da reflexão de como tais aspectos moldam a experiência individual e coletiva. Tal visão ajuda a contextualizar a forma como esses jovens entendem a si mesmos, revelando como a sua construção vai além da simples adesão a um único grupo ou cultura.

A relação com a cultura brasileira também é compreendida como um espaço de construção de identidade.

“Quando eu vou para a casa do meu avô, tudo é tradicional, mas quando estou na faculdade ou saindo com amigos, é muito diferente, misturado. Isso me faz pensar em quem eu realmente sou. Tem uma dualidade muito forte.” (Youssef)

É comum o relato do sentimento de dualidade entre ambas as culturas entre os descendentes de imigrantes. A alternância entre o contexto das tradições familiares com o espaço da faculdade, que simboliza parte da cultura brasileira, contribui para um sentimento de dualidade. Esse sentimento vai de encontro com a noção de “entre-lugar”, um espaço intersticial onde as tradições familiares se encontram com a sociedade vigente (Gilroy, 2001). Nesse sentido, é cultivada uma construção identitária que incorpora, simultaneamente, traços libaneses e brasileiros. Assim, as identidades e o “eu” são moldados a partir de uma contínua interação entre o ambiente (contexto), história (época) e relações sociais (família ou amigos) ao decorrer das gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender a ancestralidade na construção identitária e do “eu” de jovens descendentes de sírio-libaneses. A partir dos resultados, considera-se que o objetivo foi alcançado. Compreende-se que houve uma contribuição significativa para a melhor compreensão das experiências ancestrais e da construção identitária em um contexto multicultural. Através das entrevistas realizadas, foram evidenciadas as complexas interações entre tradição familiar, normas culturais e a busca por pertencimento na sociedade brasileira.

Um dos principais achados deste estudo é a confirmação de que a ancestralidade desempenha um papel importante na formação da identidade dos jovens, porém não totalitário. As narrativas dos participantes mostram que as influências culturais e familiares moldam suas percepções de si mesmos e suas interações sociais, assim como as suas vivências brasileiras com seus amigos e na escola, por exemplo. Percebe-se que há um limite até onde a ancestralidade contribui para a compreensão do “eu” à medida que os jovens navegam pela transição para a vida adulta, sendo ela insuficiente para a construção identitária.

Ao explorar as nuances da herança sírio-libanesa, este estudo destaca uma vertente étnica que, embora significativa na história imigratória do Brasil, ainda é insuficientemente investigada. As correntes imigratórias que ocorreram no início do século XX trouxeram consigo uma riqueza cultural que precisa ser mais amplamente reconhecida e estudada.

Além disso, o impacto das normas culturais e sociais na vida desses jovens revela a necessidade de uma maior representatividade nas discussões acadêmicas e sociais sobre identidade, independente do contexto migratório. A experiência de inadequação é uma questão relevante que merece atenção. A representatividade e compreensão do impacto da ancestralidade no jovem é crucial para entender as particularidades na constituição do brasileiro, visto que em sua maioria, somos um país formado por imigrantes.

Por fim, este estudo reforça a importância de uma ciência que compreenda a multiplicidade de experiências vividas por jovens de diferentes origens étnicas. O entendimento de como a ancestralidade e as tradições moldam a identidade é vital para criar políticas e programas que apoiem a integração e o fortalecimento da juventude em contextos multiculturais. A partir deste estudo, propõe-se que futuros pesquisadores continuem a explorar as dinâmicas identitárias de diferentes grupos étnicos, incluindo as mesmas que circundam o pesquisador. Essa pesquisa é um convite para o início de uma reflexão: até que ponto nossos antepassados influenciam o nosso presente?

REFERÊNCIAS

ALVES, A. F.; GARCIA-FILICE, R. C. G. Ancestralidade africana na afrodíspora: conhecimento, existência e vida. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.23899/relacult.v7i1.2153>.

Al-Khwarizmi. **Compêndio sobre cálculo por restauração e balanceamento**. Editores Lambert M. Surhone, Miriam T. Timpledon, Susan F. Marseken. 2010. Betascript Publishing.

AMADO, J. **Gabriela, cravo e canela**. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1958.

AMADO, J. **Tocaia Grande**. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 21.

AMADO, J. A descoberta da América pelos turcos. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BERCITO, D. **Brimos: Imigração sírio-libanesa no Brasil e seu caminho até a política**. São Paulo: Fósforo Editora, 2021.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. BHABHA, H. K. The Third Space. In: RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). *Identity: Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

BHANDARI, N. Negotiating Cultural Identities in Diaspora: A Conceptual Review of Third Space. **Curriculum Development Journal**, n. 42, p. 78–89, 2020.

BHANDARI, N. B. Homi K. Bhabha's Third Space Theory and Cultural Identity Today: A Critical Review. **Prithvi Academic Journal**, v. 5, n. 1, p. 171–181, 2022.

BROWN, R. **Henri Tajfel: explorer of identity and difference**. 1. ed. London: Routledge, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429491382>.

CABREIRA, M. M. Cultura e identidade em São Paulo. **EccoS Revista Científica**, v. 3, n. 1, p. 93-104, 2001. São Paulo: UNINOVE.

CASTRO, C. M. DE; CAIXETA, I. G. Islamic practices in Belo Horizonte: Adaptations and choices in a bastion of Brazilian traditionalism. **Social Compass**, v. 68, n. 2, p. 190–203, 2021.

CHALABI, T. **History and culture: constructing a Lebanese identity**. In: **THE SHI'IS OF JABAL 'AMIL AND THE NEW LEBANON**. New York: Palgrave Macmillan, 2006. DOI: https://doi.org/10.1057/9781403982940_8.

CORLĂTEANU, A. I. Cultural Diversity Between Cross-Cultural Adjustment and Cultural Shock. **International Conference Knowledge-Based Organization**, v. XXX, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.2478/kbo-2024-0062>.

CRENSHAW, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, n. 1, 2002.

DORNELAS, J. G. A contribuição da memória para o estudo de um processo migratório específico: o caso dos sírios e libaneses em Juiz de Fora – MG (1890-1940). **Outros Tempos**, v. 6, n. 8, p. 40-54, dez. 2009. (Dossiê Escravidão).

FRANCISCO, J. C. B. **Dos cedros aos pampas: imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, identidade e assimilação (1890-1949)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FÉRON, E. Memories of Violence in the Rwandan Diaspora: Intergenerational Transmission and Conflict Transportation. **Ethnic and Racial Studies**, 2023.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 14, n. 28, p. 139–152, ago. 2004.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e de grupos**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GATTAZ, A. C. **História oral da imigração libanesa para o Brasil - 1880 a 2000**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 2020. Zahar.

HAGE, G. 2021. **The Diasporic Condition. Ethnographic Explorations of the Lebanese in the World**. Chicago: The University of Chicago Press.

HALL, S. Negotiating Caribbean Identities. **New Left Review**, n. 209, p. 3–14, 1995.

HARALDSSON, K. G.; MCLEAN, K. C. “My story is not my own”: A qualitative analysis of personal and collective continuity. **Qualitative Psychology**, 10 jun. 2021.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

INAIA, N. N.; MAGIMAN, Mohamad M.; SALLEH, N.; YUSOFF, A. N. M.; TUGAUE, M.; PERMANA, S. A. The analysis of food symbols in the ‘Serarang’ ritual of the Melanau Likow community in Dalat, Sarawak. **International Journal of Innovation, Creativity and Change**, v. 14, n. 3, 2020. Disponível em: www.ijicc.net.

JESUS, J. G. DE ; HOFFMANN, R. De norte a sul, de leste a oeste: mudança na identificação racial no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 37, p. 1–25, 30 nov. 2020.

KADDOURA, N.; SAROUPHIM, K. M. Identity development among Lebanese youth: An investigation of Marcia’s paradigm. **Heliyon**, v. 5, n. 11, p. e02851, nov. 2019.

KADRI, J. G.; SALONE, R. A. **Brasil e Líbano: muito mais do que “brimos”**. In: SCHERER, L. M.; GOULART, F. H. L.; VELOSO, P. A. F. (orgs.). **Brasil-Líbano: legado e futuro**. Brasília: FUNAG, 2017. ISBN 978-85-7631-722-7.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEE, K.-S. Cooking up food memories: A taste of intangible cultural heritage. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 54, p. 1–9, mar. 2023.

LEE, C. C.; FALTER, M. M.; SCHOONOVER, N. R. Encountering the Affective in Latino Immigrant Youth Narratives. **Reading Research Quarterly**, v. 56, n. 2, 17 jun. 2020.

LEFORT, B. Ghostly ruins: conflict memories, narratives, and placemaking among Lebanese diasporas in Montreal. **Ethnic and racial studies (Print)**, v. 47, n. 2, p. 435–456, 4 out. 2023.

MEIHY, M. **Os libaneses**. São Paulo: Contexto, 2016.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. 2007. Civilização Brasileira.

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G. DA . O caso das relativas do Português e do Árabe: Um estudo sobre ensino da Língua Árabe. **Iniciação & Formação Docente**, v. 7, n. 4, p. 862, 25 jan. 2021.

MORRIS, R. C. The Ancestors Call from the Future: Genealogy, Ancestrality, Judgment. **Comparative Literature Studies**, v. 60, n. 1, p. 31–72, 1 fev. 2023.

MORRIS, A.; SCHWARTZ, M.; ITZIGSOHN, J. **Racism, Colonialism, and Modernity: The Sociology of W.E.B. Du Bois**. In: ABRUTYN, S.; LIZARDO, O. (eds). **Handbook of**

Classical Sociological Theory. Handbooks of Sociology and Social Research. Cham: Springer, 2021. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-78205-4_6.

MOTTI-STEFANIDI, F.; MASTEN, A. S. **Immigrant Youth Resilience: Integrating Developmental and Cultural Perspectives**. In: GÜNGÖR, D.; STROHMEIER, D. (orgs.). Contextualizing Immigrant and Refugee Resilience. Advances in Immigrant Family Research. Cham: Springer, 2020. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-42303-2_2.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.

OLIVEIRA, A. T. et. al. **O Sistema Nacional de Registro de Estrangeiros (SINCRE) e a Migração Regular no País**. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Emprego/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015.

PEREIRA, T. F.; FAVORETO, A. Darcy Ribeiro intérprete do Brasil: percepção dualista sobre nossa formação social. **Princípios**, v. 42, n. 167, p. 142–161, 1 jan. 2023.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

QUIJANO, A. **Coloniality of power, eurocentrism, and Latin America**. Neplanta, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

RAMOS, R. M. A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas à partir da cultura do candomblé. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 1–16, 2021. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e4051.

RIBEIRO, C. Continuo racial, mobilidade social e “embranquecimento”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 95, p. 1–25, 2018.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2023.

ROJAS, L. M. A. **Gurbah Síria: experiências de refúgio em Florianópolis**. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2021.

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, J. A. F. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, p. 37–60, 2009.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. 2020. Veneta.

SHANAAH, S. et al. Hate begets warmth? The impact of an anti-Muslim terrorist attack on public attitudes toward Muslims. **Terrorism and Political Violence**, v. 35, n. 1, p. 1–19, 9 mar. 2021.

SIRIN, S. R.; CHOI, E.; TUGBERK, C. The Impact of 9/11 and the War on Terror on Arab and Muslim Children and Families. **Current Psychiatry Reports**, v. 23, n. 8, 1 jul. 2021.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2019.

SOTELO, M. V.; AROCENA, F. Evangelicals in the Latin American political arena: the cases of Brazil, Argentina and Uruguay. **SN Social Sciences**, v. 1, n. 180, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s43545-021-00179-6>.

SOUSA, J. R.; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

TRIGG, D. **The Memory of Place: A Phenomenology of the Uncanny**. Athens: Ohio University Press, 2012.

VESCHI, B. **Álgebra**. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/algebra/>

VIRGINIO, F. P.; STEWART, P.; GARVEY, B. Unpacking Super-Exploitation in the 21st Century: The Struggles of Haitian Workers in Brazil. **Work, Employment and Society**, v. 37, n. 4, p. 095001702110607, 9 fev. 2022.

WILLIAMSON, S. et. al. Family Matters: How Immigrant Histories Can Promote Inclusion. **American Political Science Review**, v. 115, n. 2, p. 686–693, 21 dez. 2020.

XU, Y.; WU, D.; CHEN, N. The role of residents' place satisfaction and place attachment on community citizenship behaviors: An empirical study based on six immigrant descendant communities in Zhejiang, China. **Journal of Environmental Psychology**, v. 79, p. 101743, dez. 2021.